



ABORDAGENS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICAS EM COMUNIDADES PESQUEIRAS BAIANAS

Thais Dultra Pereira (UFBA)¹
thaisiribinha@hotmail.com

RESUMO: O presente estudo consiste em esboçar olhares linguístico-etnográficos possíveis a partir da pesquisa de mestrado intitulada “A linguagem da pesca em comunidades baianas: um estudo dialetal em Siribinha e Bom Jesus dos Passos” (DULTRA, 2011). A partir dos resultados encontrados, foi possível perceber que, além dos aspectos lexicais e geossociolinguísticos, há um produtivo diálogo entre a Geolinguística e a Etnografia. Em última análise, o artigo aponta algumas perspectivas para investigações de fenômenos culturais a partir de dados linguísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidades pesqueiras. Linguística e Etnografia. Geolinguística. Etnolinguística.

ABSTRACT: The present study consists of tracing possible linguistic-ethnographic views based on the Master's dissertation entitled “The language of fishing in Bahian communities: a dialect study in Siribinha and Bom Jesus dos Passos” (DULTRA, 2011). Based on the results found, and in addition to the lexical and geo-sociolinguistic aspects, it was possible to conclude that there is a productive dialogue between Geolinguistics and Ethnography. Ultimately, the article points out some perspectives for cultural phenomena investigations whose sources are linguistic data.

KEYWORDS: Fishing communities. Linguistics and Ethnography. Geolinguistics. Ethnolinguistics.

1 Palavras iniciais

A pesca artesanal desenvolvida em Siribinha e Bom Jesus dos Passos ocorre muitas vezes no seio familiar, sendo compartilhada com todos os membros, e estes demonstram vasto conhecimento sobre o universo pesqueiro, por viverem no mesmo ambiente ecológico e, conseqüentemente, profissional, o que se configura num importante acervo histórico e cultural desses espaços. Ao analisar a linguagem da pesca dessas comunidades, torna-se possível conhecer a realidade linguística brasileira enquanto heterogênea e plural, pois estudos dessa natureza permitem conhecer a língua e a cultura das comunidades estudadas.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e Mestre em Língua e Cultura pelo Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da Universidade Federal da Bahia (UFBA).



Considerando-se que uma determinada comunidade linguística faz uso de processos comunicativos através de um sistema oral, e que essa manifestação acústico-oral caracteriza a noção de língua, esse sistema inevitavelmente carrega consigo consequências de um processo histórico, cuja dinâmica pode propiciar mudanças no conjunto lexical formador do universo linguístico. E, sabendo que as línguas se modificam, embora esse fato não se faça perceptível à consciência do falante, por este estar envolvido numa diversidade de manifestações, tem-se a possibilidade de apontar as diferenças etárias, as diatópicas, diastráticas e diafásicas, através das incessantes marcas de variação percebidas nessas falas.

O conhecimento dessas diferenças permite uma melhor compreensão da língua como um todo, o que justifica tanto estudos dialetológicos como etnolinguísticos. Concebendo os dialetos como subsistemas constitutivos de um determinado sistema de língua e, ainda, que as relações entre língua, sociedade e cultura são tão intrínsecas, o que torna difícil, muitas vezes, separar uma da outra, ou dizer onde começa uma e termina a outra, a etnolinguística é a ciência necessária para entender a relação homem, sociedade e civilização e, nas palavras de Coseriu (1978), deve se ocupar em estudar a variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e a cultura.

Outro fator que há de ser considerado é a linguagem utilizada por um determinado grupo sociocultural, sobretudo no que diz respeito ao fator geográfico ou diatópico. Algumas variações regionais podem ser, muitas vezes, sociais, e é nesse sentido que estudos relacionados ao léxico da pesca podem contribuir consideravelmente para compreensão da linguagem humana nos seus diversos aspectos. Além disso, a linguagem configura-se num símbolo utilizado pelos indivíduos e permite avaliar hábitos de um grupo, construindo, assim, uma realidade linguística.

Reconhece-se, assim, a intrínseca relação entre o léxico da pesca, aqui estudado, e a etnolinguística, uma vez que a linguagem da pesca, em particular, resguarda muitas informações de cunho cultural, por conta do seu caráter peculiar relativo a uma atividade profissional específica, e também dialetal e sociolinguística, por considerar



que as comunidades estudadas estão inseridas em determinado espaço e resguarda características diastráticas diversas, além de aspectos culturais intrínsecos.

A pesquisa em Siribinha e Bom Jesus dos Passos adotou, quanto aos critérios metodológicos, a seleção de 12 informantes em cada comunidade, divididos em três faixas etárias (18 a 26 anos, 30 a 45, e 50 em diante) de ambos os sexos. Foram realizados inquéritos *in loco*, a partir da aplicação de um questionário de 100 questões – sendo 96 do tipo onomasiológico – baseado na metodologia do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB, 2001), no questionário reduzido do Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP) (VITORINO, 1987), e nos diversos trabalhos sobre a linguagem da pesca. Incluíram-se também quatro temas para registro de discurso espontâneo, tais como o relato de algum acontecimento importante na sua vida pessoal ou na comunidade; a descrição de como se constrói a embarcação; algum evento ou acidente no mar; e a descrição de algum tipo de invocação ou entidade que ajude a pescar, com destaque para esta última, que se mostrou bastante produtiva, sobretudo em Siribinha, como poderá ser constatado mais adiante.

Ainda quanto ao perfil dos informantes, o fato de haverem sido selecionados apenas pescadores e marisqueiras não possibilitou que se seguissem rigorosamente os pré-requisitos preconizados pela Dialetologia, tendo sido necessário incluir informantes não nativos, assim como filhos de pais não naturais das localidades. Além disso, a maioria dos informantes apresenta baixa ou nula escolaridade.

Nesse artigo, são apresentados, de forma breve, alguns dos resultados da pesquisa nas referidas comunidades, no que diz respeito à linguagem da pesca e suas marcas culturais sob o viés da Etnolinguística.

2 A Etnolinguística e a linguagem da pesca

Dentro de toda sociedade, as primeiras influências que o homem sente vêm do gesto e da palavra. Por meio da palavra estuda-se a cultura, ou estuda-se a mensagem linguística em seu contexto cultural. A análise objetiva da linguagem de uma sociedade,



entendendo-se aqui a linguagem como capacidade de expressão linguística, implica observar o conteúdo dentro do contexto original dos usuários.

Ao se estudar uma linguagem profissional como a da pesca, faz-se necessário refletir sobre as questões etnolinguísticas, uma vez que, se trata de uma linguagem específica, utilizada não somente pelos pescadores, e também é a linguagem dos moradores das regiões, e que estão envolvidos com essa atividade.

A linguagem enquanto estrutura macrolinguística não pode ser estudada a partir de um modelo teórico que não contemple, igualmente, os pontos de vistas diferentes dos campos social, cultural, psicológico, antropológico, entre outros. Dificilmente será possível que uma teoria geral ou um modelo teórico único seja elaborado. Há, no entanto, ramos da macrolinguística que são interdisciplinares, no sentido de abarcarem o uso de técnicas e conceitos teóricos semelhantes, como no caso da Sociolinguística, ao estudar a linguagem e a sua relação com a sociedade, da Etnolinguística, ao estudar a linguagem e a sua relação com cultura e da Dialetoлогия, enquanto ramo dos estudos linguísticos comprometida com a identificação e descrição dos usos diversos que uma língua se difere, seja no âmbito espacial, sociocultural e temporal.

De acordo com Lyons (2009), o conceito de cultura ligado à Etnolinguística aproxima-se do sentido que é usado na Antropologia, e deve pressupor a sociedade, e esta depende da cultura. Nas definições mais amplas de Sociolinguística e Etnolinguística, os dois ramos da macrolinguística acabam por se sobrepor, já que ambos têm como finalidade orientadora da teoria e da pesquisa objetivos primordialmente linguísticos.

Segundo Coseriu (1978), a Etnolinguística é uma disciplina linguística, portanto nem etnológica, nem etnográfica, que trata do estudo da variedade e variação da linguagem, bem como da sua relação com a civilização e a cultura. Trata, assim, das relações entre língua e cultura na sociedade a que pertencem os falantes de um determinado grupo sociocultural. Numa perspectiva sincrônica, a Etnolinguística firmou-se como decorrência da necessidade de se entenderem as variantes e invariantes extralinguísticas como sexo, faixa etária, gênero, estilo e, principalmente, as invariantes



culturais, bem como os níveis de linguagem que permeiam os pensamentos e o modo de ser e de viver das comunidades.

Percebe-se, portanto, a importância da linguagem enquanto um conjunto de práticas culturais, a Antropologia Linguística com a responsabilidade interdisciplinar, a Sociolinguística com o estudo da relação língua-sociedade e a Etnolinguística, da relação língua-cultura.

Os estudos etnolinguísticos têm se preocupado com as funções da comunicação, ou seja, questões que envolvem a história sociocultural das comunidades de fala, suas origens, os meios de comunicação utilizados, a relação da linguagem com a visão de mundo e a organização social, as desigualdades sociais e linguísticas, entre outras preocupações que impliquem direta ou indiretamente na comunicação dos falantes.

Embora a Etnolinguística seja uma disciplina ampla e de difícil conceituação, principalmente por seu caráter recente, ela engloba tanto os aspectos culturais como os aspectos antropológicos de uma língua. Esta nova disciplina, considerada interdisciplinar, estuda as etnias. Velarde (1988), a partir da visão antropológica, entende a etnia como grupo humano onde a coesão social une os membros entre si, baseados principalmente na unidade das formas de viver, da vocação histórica e da concepção de mundo, além de ser a etnia o conjunto de indivíduos que compartilham a mesma cultura.

Para Lyons (2009), o conceito mais aceito de cultura, para fins de estudos da linguagem, é o conhecimento que é adquirido socialmente: aquele adquirido pelo indivíduo por ser membro de determinada sociedade. Neste sentido, a cultura estabelece, para cada pessoa, um contexto do comportamento cognitivo e afetivo que permite interpretar a realidade. Seu contexto, no entanto, deve ser entendido como algo dinâmico e não como algo monolítico e estático.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura.



Cada sistema cultural está sempre em mudança. Entender essa dinâmica é importante para atenuar o choque entre as gerações e evitar comportamentos preconceituosos. Da mesma forma que é fundamental para a humanidade a compreensão das diferenças entre povos de culturas diferentes, é necessário saber entender as diferenças que ocorrem dentro do mesmo sistema.

A construção da identidade tem sido discutida em várias áreas do conhecimento. A Filosofia, a Psicanálise, a Antropologia, a Linguística, entre outras, têm se ocupado deste tema numa tentativa de investigar e descobrir como se desenvolve o senso de identidade.

Segundo Rajagopalan (1998, p. 41), “[...] a identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela”. Entretanto, sabemos que uma língua não existe no vácuo. Ela não é um meio neutro de comunicação, e deve ser entendida com referência ao seu significado social. Se a língua não é neutra, e está repleta de significações que refletem o meio social onde é falada, é justo dizer que a língua e a cultura têm um papel crucial na formação da identidade do indivíduo.

Definir identidade é, provavelmente, tão difícil quanto definir cultura. Entretanto, é possível afirmar que qualquer ser humano possui uma identidade no sentido que este ser é alguém. A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: seja a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente.

Deve-se considerar que a identidade se constrói e se reconstrói constantemente no interior das trocas sociais. Esta concepção dinâmica se opõe àquela que vê a identidade como um atributo original e permanente que não poderia evoluir.

Tais conceitos apresentam-se como uma forma de entendimento para as mais diversas formas de comunicação, bem como a sua relevância para os estudos linguísticos, uma vez que a identidade não é uma essência, não é fixa, tampouco é homogênea. Está, na verdade, em constante construção, resultando num efeito, num processo de produção, numa relação, num ato performativo.



Ao se estudar a linguagem profissional de uma comunidade é possível se estudar o léxico, ou seja, palavras escolhidas para transmitir-se e comunicar-se com o mundo. É sabido que a cultura de um povo se expressa, entre outras formas, pelo léxico ou pelas unidades terminológicas. Daí o interesse na descrição e análise da linguagem da pesca em comunidades baianas, pois há a possibilidade do registro e da documentação da diversidade lexical e geolinguística do português falado nessas regiões.

Além disso, por estar subordinado às funções sociais de designação ou de nomeação da realidade, e sendo o principal objeto de estudo da lexicologia, o léxico fornece um vasto material para análise aos linguistas, particularmente aos dialetólogos e sociolinguistas, uma vez que conserva uma estreita relação com a história cultural da humanidade.

Nesse sentido, a Dialetoologia, tem papel fundamental, pois, ao assumir os estudos de sistematização de uma língua, permite a aproximação a partir de duas perspectivas: pelo rastreamento e mapeamento espacial da variação de um traço qualquer da língua ou pela observação das peculiaridades linguísticas de um território para a delimitação de uma ou várias zonas dialetais.

A respeito do espaço geográfico e sua relação com a Dialetoologia, considera Cardoso (2010, p. 15):

O espaço geográfico evidencia a particularidade de cada terra, exibindo a vontade que a língua assume de uma região para outra, como forma de responder à diversidade cultural, à natureza da formação demográfica da área, à própria base linguística preexistente e à interferência de outras línguas que se tenham feito presentes naquele espaço no curso de sua história.

Por fim, é através desta ciência que os estudos linguísticos buscam identificar, delinear e estabelecer os diferentes usos e formas de diversificação de uma língua, de acordo com a sua distribuição espacial e sociocultural, como a linguagem da pesca, o que evidencia a importância de estudos dessa natureza.



3 Usos e costumes em Siribinha

Siribinha é um dos principais povoados pesqueiros do Conde, situado a 13 km ao norte deste município. Possui cerca de 400 habitantes, que vivem basicamente da pesca e do turismo. Fica à margem do rio, onde habitam os pescadores e suas famílias, além de alguns donos de pousadas, a maioria pertencentes aos próprios nativos. Não há asfalto, apenas estrada de chão, areia e barro. Possui extenso manguezal que vai do rio Itapicuru até a foz, ou boca da barra, como chamam os nativos. Do outro lado do rio se tem acesso ao Cajueirinho e ao Cavalo Russo, braços do rio, cercados de dunas e vegetações costeiras. No mangue encontram-se as diversas espécies de crustáceos e mariscos que fornecem o sustento da região.

A pesca em Siribinha é realizada por homens e mulheres, em pequenos barcos artesanais, construídos pelos próprios pescadores, que costumam pescar ao longo do rio, até a boca da barra, em Siribinha, utilizando como instrumentos tarrafa, rede ou cofo, entre outros. Pescam também na praia, principalmente no verão, onde trabalham em dupla, jogando a rede pela madrugada e voltando à tardinha para buscar, de acordo com o movimento das marés. No inverno, dificilmente se pesca no mar, por causa do vento forte e da força da maré, sendo o rio o principal local para a pesca.

As marisqueiras pescam principalmente no rio e na foz, não havendo, praticamente, marisqueiras no mar, apesar de terem sido encontradas duas informantes que disseram já ter se aventurado. Contam que é preciso ter muita coragem, além de saber nadar para enfrentar o mar aberto. A elas cabe o trabalho de mariscagem no rio e mangue, que oferece desde caranguejos e aratus a mariscos de conchas, além de siris e camarões. Costumam atravessar o rio em grupos de seis a oito pessoas, entre mulheres e crianças, em barcos a remo, ou nas lanchas a motor, em busca de mangues para mariscarem aratus.



Figura 1: Siribinha - Pescadores e marisqueiras no manguezal.

3 Usos e costumes em Bom Jesus dos Passos

Bom Jesus dos Passos, ilha situada na Baía de Todos os Santos, destaca-se principalmente por sua forte religiosidade e por suas atividades pesqueiras. É uma das menores e mais populosas entre as ilhas. Sua população vive da pequena agricultura familiar, da pesca (peixes e mariscos) e muitos, devido à proximidade, vão trabalhar em Madre de Deus e Candeias. A ilha tem considerável importância para a história da criação de Salvador, ainda em épocas de descobrimento, devido ao seu valor histórico. Bom Jesus dos Passos era chamada de “Pataíba Assu”, como descreve uma moradora da região, A².: “Pataíba Assu. É, palmeira grande. É, tem uma na frente da igreja, né? Que eu plantei”.

Para este artigo, foram selecionadas algumas formas lexicais para identificar os aspectos etnolinguísticos encontrados nas comunidades de pesca estudadas. Para caracterizar a atividade da pesca em Siribinha, escolheram-se as formas *tucum*, para designar o material utilizado para tecer as redes e a *caipora*, entidade presente no universo dos pescadores e marisqueiras.

² A. tem 68 anos e é nativa da ilha de Bom Jesus dos Passos. Através de conversas informais com antigos moradores e de pesquisas nos livros da igreja, ela e seu irmão, I., também nativo, vêm reunindo informações históricas e culturais da ilha e pretendem escrever um livro sobre a região.

Em Bom Jesus dos Passos, foram selecionadas as formas *catraia*, para designar a embarcação utilizada em Bom Jesus dos Passos; *cama*, para descrever o lugar onde os siris dormem; e *salambitinga*, *papa-fumo* e *sambá*, mariscos comuns às atividades das marisqueiras.

4 As comunidades pesqueiras e as particularidades na linguagem

Siribinha apresenta algumas particularidades na atividade pesqueira e seus contextos, como *cama* para o lugar onde os siris se escondem ou dormem, que não está dicionarizada com o mesmo sentido:

O siri do mangue ele fica mais em *cama*, e aparece mais quando essa água tá suja. Porque assim... tem a lama, aí ele, no buraco, no lugar que você pisô aí fica um buraco, aí ele vai lá e fica, faz uma *cama*... tipo uma casinha pra ele... e fica lá, e às veze, quando a gente vai pesca aratu consegue pegá, porque eles não tem buraco fundo... ele fica num buraco... raso. E os outros não, os outros fica mais no rio. (Mulher, faixa etária 1, Siribinha).

Esse aí é... siri-do-mangue. (...) A gente costuma falá que eles tão de *cama*. O buraco dele não é tão fundo. Ele cava aquele buraco, ou então ele já pega um buraco véio [velho], alguém chegô ali e tirô um caranguejo dum buraco, aí o buraco fica lá, fica sem... sem... nenhum outro caranguejo tá usano. Aí ele pega aquele buraco que tá cavado, chega ali, entra, e fica ali, descansano. Aí chama siri de *cama*... aí... cê vai lá, a maré seca aí ele tá lá dentro. Aí tira. (Homem, faixa etária 2, Siribinha).

No que se refere ao material usado para tecer as redes, alguns informantes, mais velhos, mencionaram o *ticum*, variante fonética de *tucum*, que é uma espécie de cipó usado antigamente para tecer as redes de pesca.

(antigamente, a rede) fazia de *tucum*. Não (fiava), mas minha mãe fiava muntcho. Aí fiava aquele *tucum*, já pra outros pessoal, aí mandava minha mãe fiá, pra fazê aquela linha. Aí tecia a tarrafa. Eles pagava pra ela tecê, né? Fiá aquela linha. Hoje em dia, eu acho que nem conhece mais. (Mulher, faixa 3, Siribinha).

A *caipora*, entidade que vive no mangue ou no rio, embora dicionarizada³, não apresenta o mesmo sentido utilizado pelos informantes. Para eles, trata-se de uma entidade que zomba ou brinca com os pescadores, se disfarça de alguém conhecido ou simplesmente chama o indivíduo pelo nome, fazendo-o se perder no meio do mangue ou enquanto rema no rio. A vítima perde a noção do tempo e de espaço, tendo a impressão de estar perdido por horas, mas pode levar apenas alguns minutos sem saber onde está, ou ainda estar muito perto de outras pessoas e acreditar estar sozinho. Para se livrar do efeito da *caipora*, é necessário que se desvire uma peça de roupa, para que o encantamento desapareça.

Eu me lembro assim, que... o pessoal fala que... às vezes quando tava pescano no mangue aí... às veze, de repente tava num lugá e pensava que você tava seguino p'um lugá... lugá certo e... não tava e... as pessoa começava a chamá pra saí de den'do mangue e, de hoje que você anda, anda, anda... e... nada de você consegui saí. É... dizia que era a *caipora* que enganava... (risos). Dizia que a *caipora* enganava, e que é... virá as roupa às avessa... aí conseguia chegá no lugar que queria... aí desvirava. (Mulher, faixa 1, Siribinha).

Veza gente se perdeu... a gente foi pescá lá no Góes... aí quando a gente chegô lá nós pescô, pescô, pescô, aí quando... nós cheguemo... longe, aí, ...um bora vortá, ... aí nós foi vortá. Aí quem disse que a gente vortô? cheguemo num lugá assim pareceno um porto, e tinha uma... uns cóvo, assim... que o povo deixa lá den'do mangue. Aí nós caminhô, caminhô, caminhô,... achando que nós tava caminhano pá den'do rio, aí nós tava caminhano pa den'do mangue, mais. E a outa tava... era três. Duas tava errada, e uma tava certa. A que tava certa chegava ... (risos) chegava a chorá pra gente num ir... (risos) e a gente entrano pá den'do mange, e ela não é pra lá não, mas só que a gente não se confiava mais, achava que ela tava... que quem tava mentino era ela, e ela dizeno que a gente é que tava mentino... e a gente andemo, andemo, andemo que cansemo. Quando a gente viu mermo que tava trapaiada (risos) ... aí era longe, aí um bora vortá... vortemo. Aí lá vem nós. Aí quando chegô longe, aí pronto, paremo. Aí a outra

³ Segundo o dicionário Houaiss (2001), *caipora* significa “entidade fantástica da mitologia tupi, muito difundida na crença popular, talvez derivada da crença no curupira, do qual seria uma variante, e que é associada às matas e florestas e aos animais de caça, dele se dizendo que aterroriza as pessoas e é capaz de trazer má sorte e mesmo causar a morte”. Esta aceção condiz com Caldas Aulete (1970) e Ferreira (2004), conforme dados da pesquisa.

começô quereno chorá também, a que tava certa já queria chorá... aí eu, já me dava vontade de dá uns grito... aí, não, não... vamo gritá não. Bora tirá a rôpa. Aí... que tem isso, quando a pessoa se perde, a gente tira a rôpa. Aí tirô a rôpa... só tiremo a brusa... tiremo a brusa, aí botemo pelos avesso. Quando nós caminheмо, num tava nem vinte ba ... é... vinte metro do lugá que a gente tava (risos)... nós chega tava cansada de tanto andá percurando esse caminho... de tanta pisada da gente por cima do caminho mermo, e sem apressá aonde era. Inté quano a gente chegô no rio, que peguemo o barco, ainda tava assim, o... jeito ainda tava assim diferente o rio... tava um jeito de estranho... nós cheguemo em casa nesse dia de tarde... bem de, tarde mermo. (...) o povo fica falano que é a *caipora*... que a *caipora* enganô. (Mulher, faixa 2, Siribinha).

A pesca em Bom Jesus é realizada por homens, nas águas da baía, em dupla ou trio, em pequenos barcos motorizados, as *catraias*, conforme a fala da informante:

A gente pesca assim... fica duas pessoa na popa, no lugá que governa... pra arriá a groseira... A gente deixa no motô, na.. a gente vai... arreia no motô. Aí vai todos dois iscano, e largano a groseira. Iscano, e largano, iscano e largano. Na hora que termina assim, a gente pega arreia a poita, até amanhecê, a gente vai, dorme, na hora que amanhece a gente vai, puxa. Pelo meno só uma pessoa só que puxa. E outro remano.

(Isso de groseira. E com as redes?)

Com a rede até uma pessoa mermo vai. Arreia... até uma pessoa mermo arreia uma groseira. Ou! A rede!... (mulher, faixa 2, Bom Jesus dos Passos).



Figura 2: Bom Jesus dos Passos - Catraias ancoradas.

A mariscagem é exercida principalmente por mulheres e crianças nas praias, coroas e manguezais, para a extração de moluscos e crustáceos. As mulheres pescam diversos mariscos nas coroas dos mangues que ficam próximos à ilha, e siris, com facho de lanterna. Geralmente, pegam carona nos barcos dos homens, em pequenos grupos de seis, oito marisqueiras até as coroas. Para essa atividade, foram identificados diversos mariscos, como *salambitinga*, *papa-fumo* e *sambá* nas coroas dos mangues de Bom Jesus dos Passos. *Salambitinga* não foi encontrado nos dicionários pesquisados, porém, pode ser variante fonética de *cernambitinga*, que é sinônimo de *cernambi*, conforme descrição dos informantes.

Salambitinga, que a gente chama de sururu-de-véio, que chama sururu-de-laje (homem, faixa 2, Bom Jesus dos Passos).

Salambitinga. Tem lugar que é bebe-fumo, que é chumbinho... (mulher, faixa 1, Bom Jesus dos Passos).

Salambitinga a gente conhece como salambitinga, mas lá o pessoal chama papa-fumo (mulher, faixa 3, Bom Jesus dos Passos).

Soares e outros (2009) afirmam que o *papa-fumo* é também conhecido como *chumbinho*, de nome científico *Anomalocardia brasiliana*, da família Bivalvia. Habita fundos lamosos das baías e estuários, principalmente na região entremarés, atingindo 34 mm de comprimento, além de apresentar reprodução contínua, ao longo do ano. “*Chumbinho*. Chama bufuminho, chama maçunim. É o mermo marisco” (homem, faixa 3, Bom Jesus dos Passos).



Figura 3: Cascas de chumbinho e papa-fumo.

Sambá, segundo os dicionários, com exceção de Aulete (1970), é o mesmo que concha, designação comum às valvas dos lamelibrânquios. Ou ainda invólucro calcário ou córneo de certos animais, sobretudo os moluscos, o qual tem a face interna revestida de madrepérola, utilizada no fabrico de botões, objetos de adorno, etc. Tem como sinônimos, nesta acepção, no Brasil, itã, sambá, tambá. Esta descrição não condiz com a utilização dos informantes, que afirmam ser o sambá um tipo de molusco, e não apenas o seu envoltório.

Já *sambá* não se encontra assim com facilidade não. É mais nas coroa aqui. Você vem Salvadô, você corre a costa toda de Salvadô, você não encontra um *sambá*. Aonde tem é... Ilha de Maré, tem *sambá*, Madre de Deus, e aqui em Bom Jesus. Paramana... quase que não tem, né V.? Porque acho que a praia que bate muito eles não dá. Gosta mais de água morna, água parada. Todas são salgadas, mas acho que a posição das marés que é a que justamente ele nascê na coroa. Porque eles nascem na pedra. Todos não. O *sambá* nasce na pedra (Mulher, faixa 3, Bom Jesus dos Passos).

Assim, identifica-se uma linguagem profissional específica, utilizada não apenas pelos pescadores e marisqueiras, mas também pelos demais membros das comunidades, uma vez que a pesca artesanal é realizada, muitas vezes, no seio familiar.

Muitas marisqueiras afirmaram pescar com seus companheiros, ou na companhia de irmãs, vizinhas, e até mesmo crianças:

Eu pesco com minhas irmã. Vai quatro, às veze cinco. Quem joga a tarrafa vai no bico, mas... muitas veze muda, viu? Porque... geralmente eu vou mais meu marido, eu vou na popa e depois eu venho pro bico (Mulher, faixa 1, Siribinha).

Considerações finais

Com base na pesquisa de campo em Siribinha e Bom Jesus dos Passos, podem-se tirar algumas conclusões sobre o léxico da pesca, tanto sobre os aspectos geossociolinguísticos, pela identificação de peculiaridades na linguagem, como



etnolinguísticos, no que diz respeito à vida e cultura dessas regiões. Identifica-se, sobretudo, uma linguagem rica, específica e compartilhada pelos pescadores e marisqueiras, e também pelos integrantes da comunidade de fala, através da atividade de pesca artesanal é realizada, muitas vezes, no seio familiar.

A partir da análise dos dados brevemente esboçados, comprova-se e explica-se a influência de fatores extralinguísticos na linguagem da pesca utilizada nas comunidades, tais como as diferenças de usos geracionais, que apontam, em muitos casos, para mudanças linguísticas, e de gênero, como se pode observar na comparação da atividade pesqueira desenvolvida por homens e mulheres.

Do confronto entre as comunidades, identificaram-se algumas lexias peculiares, como como *cama*, em Siribinha, para o lugar onde os siris se escondem ou dormem *caipora*; figura lendária que habita os rios e mangues, confundindo e enganando os pescadores e marisqueiras. Em Bom Jesus dos Passos, as características específicas são observadas pelos usos das seguintes denominações: *catraia*, para a embarcação utilizada na pesca e os mariscos *salambitinga*, *papa-fumo* e *sambá*, atividades mais comuns à pesca (mariscagem) das mulheres.

Quanto à variação diageracional, foram identificadas formas inovadoras e conservadoras, a partir do registro da fala observado em tempo aparente, possível pela comparação entre as diferentes faixas etárias. Através do registro da fala dos pescadores, como da fala de qualquer indivíduo ou grupo de indivíduos, é possível perceber a modernização dos meios de produção, bem como o crescente movimento de unificação cultural. Termos que antes eram diversificadamente utilizados nas regiões, hoje foram substituídos por termos mais genéricos e abrangentes, adquiridos com o uso da tecnologia, como balde, sacola e saco, utilizados para guardar o pescado, em vez do cofo, feito de palha, de cipó ou de quitanda; da linha de náilon (malha fina/ grossa), que substituiu o *ticum*, vegetal usado para tecer a rede, entre outros.

No confronto entre as comunidades foram identificadas particularidades e divergências. As semelhanças são muitas, visto que se trata do desenvolvimento por ambas de uma atividade comum, que utiliza muitas vezes uma linguagem própria.



Quanto às diferenças, explicam-se pela forma como cada comunidade a desenvolve, além da influência da cultura e história de cada região.

Por fim, estudos como os apresentados neste artigo, que permitam perceber a realidade linguística, são extremamente relevantes, pois que possibilitam o conhecimento com a língua e a cultura das comunidades de fala. Estudos de caráter dialetal e geossociolinguísticos acabam por contribuir para o desenvolvimento de pesquisas não só na área da linguística, mas também da sociologia, antropologia, geografia e psicologia social, podendo constituir ainda fontes de pesquisa para posteriores estudos.

Referências

- CALDAS AULETE, F. J. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Delta, 1970. Disponível em: <<http://www.auletedigital.com.br>>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola, 2010.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. **Questionário ALIB**. Londrina: UEL, 2001.
- COSERIU, Eugênio. **Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolinguística**. I CONSEL. João Pessoa: 1978. (Mimeo).
- DULTRA, Thais. **A linguagem da pesca em comunidades baianas: um estudo dialetal em Siribinha e Bom Jesus dos Passos**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, 2011.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0**. Positivo Informática, 2004.
- HOUAISS, Antonio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: <<http://www.houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 30 mar. 2020.
- LYONS, John. **Linguagem e Linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 2009.
- RAJAGOPALAN, Kanavillil. O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora de uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (org.). **Lingua(gem) e**



Web - Revista SOCIODIALETO

Núcleo de Pesquisa e Estudos Sociolinguísticos e Dialetoológicos - NUPESD
Laboratório Sociolinguístico de Línguas Não-Indo-europeias e Multilinguismo - LALIMU
ISSN: 2178-1486 • Volume 10 • Número 30 • Abr 2020

Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 21-46.

VELARDE, Manuel Casado. **Lenguaje y cultura. La etnolingüística.** Madrid: Síntesis, 1988.

VITORINO, Gabriela. **Atlas Linguístico do Litoral Português (ALLP).** Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1987.

Recebido Para Publicação em 09 de janeiro de 2020.

Aprovado Para Publicação em 13 de março de 2020.